PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA:

CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: **José Reis**
Um trabalho coletivo do CES

ces
Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

1290
UNIVERSIDADE D COIMBRA

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Universidade de Coimbra – Alta e Sofia inscrita na Lista do Património Mundial em 2013

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA:

CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

ces
Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

1 2 9 0
UNIVERSIDADE D COIMBRA

UNESCO
Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Universidade de Coimbra – Alta e Sofia
inscrita na Lista do Património Mundial em 2013

COMPETE 2020
PROGRAMA OPERACIONAL COMPETITIVIDADE E INTERNACIONALIZAÇÃO

PORTUGAL 2020

UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador
José Reis

Editor
Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Cientifica
Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguistica
Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação
André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN
978-989-8847-25-6

CORPO E RISCOS

Rui Gomes

A segurança é um sintoma do biopoder que vem do século XVIII. Fazendo da morte um objeto de apreensão, o poder disciplinar preocupou-se com a sobrevivência, com o prolongamento da vida e com a proteção da higiene pública. Filiado em novas tecnologias políticas do corpo, estendeu a sua atuação ao conjunto da população em questões como a natalidade, a fecundidade, a velhice e o controlo das endemias. O tema da segurança vem de trás e atravessa esferas muito diversas da vida – do corpo ao ambiente, da segurança rodoviária aos riscos financeiros –, mas agora as respostas foram ancoradas na prevenção e responsabilização de cada um pelo controlo dos riscos e da saúde. A socialização prudencial criou nos últimos 25 anos a mentalidade propícia à conformação rápida com todas as medidas de confinamento na sequência da pandemia de COVID-19 que, em muitos casos, antecipou as decisões estatais de exceção, típicas do autoritarismo sanitário, dando um poder reforçado aos especialistas.

Ao lado da segurança criada pelas novas tecnologias, que reduzem os medos que caracterizavam no passado a existência corporal, exacerbaram-se também as incertezas quanto aos riscos que o futuro anuncia. O maior foi revelado pelo efeito amplificador das condições de saúde prévias desiguais na probabilidade de adoecer e morrer. No final, para além das estatísticas de infetados e óbitos, haverá uma curva para a desigualdade dos riscos: os mais pobres morreram mais, os grupos étnicos minoritários foram mais atingidos pela letalidade, os mais vulneráveis perderam mais rapidamente o emprego e o mínimo necessário à sua sobrevivência, os que já tinham condições de habitação precárias viram a sua situação piorar. Fazer viver e deixar morrer ressoou nesta crise.

Estabelecer políticas participativas e de cuidado do outro, valorizando o Serviço Nacional de Saúde, a saúde pública e todas as organizações sociais que, na sua intervenção, reconhecem a prevalência assimétrica dos riscos de saúde, em função dos grupos sociais e das condições de vida e de trabalho que lhe são proporcionados, e promovem a solidariedade com os mais vulneráveis.

Uma parte do discurso salutogénico apoia-se na metáfora da *contaminação* do corpo, intensificando a suscetibilidade e aversão à degradação corporal. Os doentes, os velhos, os contaminados e os que apresentam marcas corporais de decadência física tendem a ser excluídos ou ignorados. É preciso limitar as práticas sociais prudenciais que sujeitam os corpos a um grau sem precedentes de monitorização dos riscos. As companhias de seguros, os especialistas e políticos alargarão a segurança a domínios cada vez mais vastos da vida, ampliando a política de controlo administrativo e o pensamento individualizado sobre o risco e a responsabilidade pelo seu controlo. Joga-se aqui uma nova noção de espaço público em que a figura do *corpo público* e do cuidado do outro se podem afirmar.